

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 54

17 de abril de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos. Sejam bem-vindos.

Hoje eu queria voltar um pouco atrás na ordem da nossa exposição, retomando alguns temas relativos ao exercício do necrológio, que algumas pessoas confessam não ter conseguido fazer até agora. Eu queria voltar a esse assunto também, em parte, movido por um apelo que me chegou de um dos alunos, referente a outro aluno que tempos atrás se converteu do protestantismo ao catolicismo, mas o fez através dos Legionários de Cristo e agora, diante das últimas revelações, ele está chocado, desorientado, não sabe o que fazer da vida. Naturalmente, não vou dizer o nome do cidadão, mas ele deve estar me ouvindo neste momento. Então, esta aula é, em parte, uma resposta à situação dele.

Quando propus este exercício do necrológio, eu quis deixar claro para vocês — não mediante palavras minhas, mas mediante uma experiência — uma das obviedades máximas da vida humana, que é a de que a mortalidade dá a forma da nossa vida. Na medida em que ela encerra um ciclo de transformações, iniciado na própria gestação, ela dá a esse conjunto uma forma final. Se a vida prosseguisse indefinidamente — não seria, evidentemente, uma “vida eterna”, porque eterna é a que não tem nem começo nem fim; seria, digamos, uma “vida perene”: que tem um começo, mas não tem fim — ela não teria uma forma e não seria identificável. Ela não seria contável.

Você não pode contar uma história sem fim porque é justamente a duração completa dela que dá o senso da temporalidade. Nós podemos avaliar a importância de certos fatos na nossa vida justamente pela duração, ou deles, ou do efeito que desencadearam em nós. Se tivéssemos uma vida sem limite para viver, a importância relativa dos vários acontecimentos não seria mensurável, e é por isso que eu digo que a vida não teria uma forma; ela não seria narrável. Ao contrário: nossa vida é eminentemente uma narrativa. Ainda enquanto você está vivo, é a narrativa do seu passado que forma a perspectiva pela qual você encara o que vem pela frente e toma as decisões quanto às ações que você deve ou não deve empreender.

Portanto, a necessidade de colocar a consciência perante o fato da morte é a única maneira de fazer com que você adquira o senso da forma da sua vida, para que você possa realmente julgar seus atos. Por outro lado, o que você está concebendo ali não é bem um “modelo” que você deve seguir, porque quem o está inventando é você mesmo. Modelo não pode vir da própria coisa modelada. Modelo teria que ser imposto desde fora, como, por exemplo, uma coisa que você leu; uma pessoa que você conhece e que você decide imitar.

Ao longo da história humana, nós vemos que a ideia de um “modelo” de personalidade que deveria ser imitado pelas pessoas — sendo que disso dependia então, não só o sucesso e o fracasso, mas o julgamento que os outros fariam dela — era uma coisa que estava muito em moda entre os gregos e romanos. Na antiguidade clássica, você vê claramente esses modelos que, por exemplo, o político busca imitar para ele se parecer com aquelas pessoas ilustres e dar à população uma ideia de que ele é um sujeito confiável; de que ele tem certas qualidades etc. etc.

Com o advento do cristianismo, essa ideia se dissolve em função da ideia da imitação de Cristo. O modelo aí oferecido é um modelo infinito e obviamente inalcançável. Significa que a imitação de Cristo já não pode ser compreendida no mesmo sentido que a imitação dos personagens ilustres, no contexto greco-romano. Cristo se colocava ali como um ideal inalcançável do qual os indivíduos podiam se aproximar como numa assíntota — uma curva que vai chegando, chegando, mas que nunca chega. Então, a ideia do modelo, como uma forma definida, desaparece e é substituída por essa meta divina.

Isso que dizer que, durante pelo menos mil e quinhentos anos, a ideia desses modelos públicos, desses personagens modelares, desaparece do contexto público, sendo substituída pela ideia da imitação de Cristo.

A imitação de Cristo também tem outra característica: não é uma imitação externa; não é um conjunto de condutas que você possa mimetizar; que você possa imitar fisicamente. Trata-se, aí, mais de um esforço interno, no qual, também — uma segunda diferença —, o juiz da sua imitação não é o público, mas a própria pessoa do imitado, a qual não está fisicamente presente dentro de você para julgá-lo. Então, você passa a imitar o Cristo não perante o público, mas perante o próprio Cristo e, evidentemente, esse não é um processo que possa ser observado e julgado de fora, pelo distinto público.

Então, a ideia do modelo orientador da vida humana muda de característica radicalmente com o advento do cristianismo. Antes se tratava de imitar determinados papéis para que a sociedade pudesse aferir a sua conduta mediante a semelhança ou a diferença com esses papéis. Agora, trata-se de seguir um exemplo de perfeição que é materialmente inalcançável e de fazê-lo diante dos olhos desse mesmo modelo, o qual julgará você, não mediante uma observação externa, mas num confronto íntimo.

O exemplo mais característico disto são as confissões de Santo Agostinho. Quando ele se apresenta diante de Deus, esse Deus é para ele, ao mesmo

tempo, um modelo de conduta e o juiz desta mesma conduta. E também é o inspirador da própria busca. Então, tudo se torna um processo puramente interior, um processo secreto, que se desenrola dentro da alma e já não pode ser observado por ninguém. E é justamente por não poder ser observado, que Agostinho conta a sua experiência.

Ora, este modelo pelo qual ele se afere, é um modelo literalmente infinito. Sendo infinito, ele contém todo o conhecimento e contém também, já previamente, o conhecimento da própria alma de Agostinho, de modo que, à medida que ele se revela para esse interlocutor onisciente, ele se descobre a si mesmo. O processo se torna muito mais complexo e muito mais dialético do que seria a imitação de um modelo exterior.

Durante muito tempo a coisa continua assim. Com o advento da modernidade tudo isso muda repentinamente, porque os modelos religiosos já não servem num contexto onde há uma nova classe em ascensão: uma classe aristocrática — já não se trata de uma classe eclesiástica, mas aristocrática —, onde a conduta pública dos indivíduos passa a ser muito importante como medida de aferição da sua aceitação ou rejeição dentro da comunidade. A autonomia conquistada entre os séculos XV, XVI, e até XVII, pela classe aristocrática em relação ao clero, faz com que a própria aristocracia se transforme numa criadora e fornecedora de modelos de conduta. [00:10]

Nessa época, disseminam-se muitos livros com títulos “Espelho do Príncipe”, quer dizer: como um príncipe, ou como um nobre, deveria agir; quais são as qualidades que se esperam dele. Ao mesmo tempo, proliferam ali normas de etiqueta, às vezes bastante complicadas. E tudo isto fica totalmente independente da ideia da imitação do Cristo, embora vagamente ainda se inspire nela. Em todo caso, já não é mais um processo interior; é um processo de adequação social, ou um processo de amoldagem do indivíduo à sociedade.

A ideia de *amoldar* ou *modelar* aparece com tanta força nessa época que a própria palavra começa a se disseminar. Há uma verdadeira obsessão da amoldagem, ou modelagem, ou — em inglês — *fashioning*. Então, esse *fashioning* se torna um dos critérios pelos quais os indivíduos das classes superiores, ou pretendentes a membros das classes superiores, começam a dirigir a sua vida, dirigir a sua conduta, de modo a poder parecer pessoas adequadas àquele novo meio aristocrático.

Não por coincidência, nessa época adveio um desenvolvimento muito grande da arte narrativa. A concepção e visualização de personagens e vidas inteiras começam a se tornar muito fáceis, e a galeria de tipos humanos que povoam a imaginação se enriquece formidavelmente. Também há um desenvolvimento enorme da arte do teatro; e o teatro é eminentemente a arte do “mostrar”, do “ilustrar” determinadas condutas não se referindo a elas na terceira pessoa, mas personificando-as no palco. Então, evidentemente, as habilidades teatrais se desenvolvem muito, não só no próprio teatro, mas são também incorporadas na vida social. O indivíduo que soubesse mais apropriadamente

desempenhar certos papéis, mais facilmente seria aceito em determinados meios.

Acontece que essa imitação também nunca é perfeita. Pelo simples fato de ser uma imitação, já é uma espécie de existência de segundo grau; uma existência diminuída. Então, a ideia da imitação — ou da modelagem — já traz, de certo modo, a sua própria contradição. A primeira dessas contradições é que, por um lado, ela expressa o que o indivíduo quer realmente ser; e por outro lado, expressa aquilo que a sociedade espera que ele seja; e esses dois modelos — o modelo íntimo e o modelo externo — nem sempre coexistem pacificamente.

Então, na mesma medida em que há toda essa expansão da arte teatral, há uma intensificação da consciência do aspecto teatral da própria existência, quer dizer: “a vida como um teatro”. Essa figura de linguagem — “o grande teatro do mundo” — dissemina-se por toda a literatura nessa época, ao mesmo tempo em que, com o desenvolvimento da medicina e do ensino médico, criam-se nas faculdades de medicina grandes teatros onde se procede ao ensino da anatomia: havia ali um palco e o professor não está mencionando, não está falando de coisas ausentes, mas está exemplificando, está exatamente como um ator no palco: ele está mostrando aos alunos a estrutura do corpo humano, porque há realmente um corpo humano deitado ali na cama, sendo dissecado, cortado em pedaços, e mostrado. Então, não há grande diferença entre esse tipo de teatro e o teatro de arena, que se usava muito na época, onde a plateia ficava colocada toda em volta e tinha um palco no centro.

Toda esta temática da modelagem da alma humana, da personalidade, e o aspecto da imitação e da teatralidade, e, no fundo, no fundo, uma vaga consciência de que tudo isto é uma farsa, tudo isso se dissemina de tal modo entre os séculos – acho que do XV ao XVII você vê tantas menções a isso —, que se você decidir fazer, por exemplo, uma coleção de todas as menções que têm à figura de linguagem do “teatro do mundo” você não acaba mais!

Então, evidentemente, também começa a aparecer entre os intelectuais mais notáveis uma consciência aguda de que tudo isso era realmente um teatro de marionetes; era tudo uma encenação; e alguns chegavam até a perceber que a encenação era aceita integralmente por pessoas que estavam conscientes de que era uma encenação. Ou seja: todos sabem que estão mentindo e, justamente porque sabem que estão mentindo, eles se empenham nisso ainda com mais devoção.

Por exemplo: Sir Thomas More, que foi um sujeito que sempre teve uma relação muito ambígua com todas essas coisas, chega a observar que a farsa da política é tanto mais eficiente quanto mais mentirosa. Quer dizer: quanto mais todo mundo sabe que a coisa é mentira, mais ainda funciona. Veja: isso no sec. XVI!

Para ilustrar isso é que eu coloquei aí estas figuras, que são tiradas de um quadro de Hans Holbein; um quadro de 1533, chamado “Os Embaixadores”.

(Vocês podem se reportar agora à figura; eu tenho cópias delas aqui e vou mostrá-las, mas vocês observarão melhor nesta cópia que está *online*). Neste quadro você tem aqui, deste lado [mostra a figura do lado esquerdo do quadro], você tem o embaixador da França à Inglaterra, Jean de Dinteville; e deste lado [mostra figura do lado direito] um padre amigo dele, chamado Georges de Selve, que estava para ser nomeado bispo.



Eles estão aqui ladeando uma estante dupla com vários objetos, e esses objetos — se vocês observarem de perto (há uma ampliação aí), vocês verão alguns dos objetos que estão na mesa — são objetos de uso científico: você tem o globo terrestre e celeste, você tem um compasso, um quadrante, um metrônomo — são todos objetos de medição. E embaixo você tem dois livros.



Você começa a reparar: no meio de tanta perfeição, no meio de toda esta imagem da mente humana como a grande medidora ou mensuradora, no meio de toda esta perfeição e exatidão matemática que está simbolizada por esses objetos, você tem aí um instrumento com uma corda quebrada. É o primeiro detalhe que chama a atenção. Embaixo do alaúde você vê um livro e, nesse livro, se você ampliar muito, muito, você verá que está aí a letra do hino *Veni Creator Spiritus* – “Vinde Espírito Criador”. Só que está na tradução de Martinho Lutero.

Então... espere aí! São embaixadores de um país católico que estão indo para um país que está em plena Reforma: a Inglaterra. Por que eles teriam que levar logo a tradução de Martinho Lutero? É evidente que o fato de ser essa a tradução que eles estavam usando é bastante agradável ao governo do país para aonde eles estavam indo — que era um país que já estava envolvido na Reforma. Conjeturou-se até que essa manifesta hipocrisia de nobres católicos, inclusive um clérigo, que vão para um país protestante levando um livro do próprio Lutero como um dos presentes — provavelmente para oferecer ao rei da Inglaterra — estava evidentemente lisonjeando o rei da Inglaterra mediante

uma espécie de aparência de protestantismo, que naturalmente o rei sabia que era falsa! Conjeturou-se até que a ideia aí fosse a de insinuar que Jean de Dinteville estava encarregado de lisonjear a consciência protestante da Inglaterra para acirrar a disputa entre o Rei Henrique VIII e o Imperador Carlos V, que era o imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Pode ser e pode não ser, mas, de qualquer modo, o que se vê é que esses dois jovens diplomatas — tão bem vestidos e de tanto sucesso — aparecem nesse quadro ostentando, por um lado, a sua glória, o seu poder etc. etc., mas você vê que tem um elemento falso ali. E gravemente falso, já que o próprio representante da religião católica está levando o livro protestante.

A coisa começa a ficar mais grave quando você observa esta figura que tem no chão. Ela parece que está completamente deslocada no quadro. Embora esteja na parte de baixo, ela não está apoiada em nada. É como se fosse um disco que está solto no ar. Nesse disco você vê uma figura representada em modalidade que se chama anamórfica.

Lentes anamórficas foram inventadas só no século XX. A lente anamórfica foi inventada pelo seguinte: no cinema, usaram sempre, até a década de 30, filmes de 35 milímetros de espessura. Mas depois, quiseram criar uma imagem mais larga, que ocupasse uma tela maior. Então, tinha duas alternativas: ou você usava um filme de largura maior — que chegou a ser fabricado por uns tempos; um filme de largura maior — ou você comprimia as imagens. Então, inventaram uma lente que espremia as imagens (mas que todo mundo ficava bastante “comprido!”). Então, filmava-se com essa lente e depois, na hora de projetar, usava esta mesma lente de modo inverso e as figuras voltavam ao seu tamanho normal.

No século XVI, evidentemente, não existiam lentes anamórficas, mas existia a ideia, e Hans Holbein realiza aqui este prodígio pictórico. Ele pega ali uma figura, e espreme em formato anamórfico, de maneira que ninguém saiba o que é. Mas quando você estica a figura, você obtém isto aqui [mostra]: uma caveira: o emblema da morte. De modo que Holbein está literalmente sabendo o que existe de mortuário por trás de todo este espetáculo.



Note que, nos teatros, onde se ensinava medicina, você também tinha várias caveiras ali. Era um lugar muito elegante, mas as caveiras estavam sempre ali

para lembrar a morte. Aliás, tinha até um morto na mesa onde o professor ilustrava as suas lições.

Procurando mais, você encontra mais detalhes. Depois você pode até encontrar mais do que eu vou mencionar aqui, mas um detalhe interessante é o seguinte: se você puxar uma diagonal seguindo aqui a forma deste disco, e depois se você fizer uma diagonal exatamente no mesmo ângulo no outro sentido, você obterá uma linha que passa pelo meio da boina de Jean de Dinteville e vai bater aqui na parede [mostra]. Na boina de Jean de Dinteville tem outro detalhe que — esse, realmente, não dá para ver; precisa de uma ampliação muito maior — ele tem um pequeno broche no meio da boina, que tem a mesma figura da caveira que está no chão. E esta linha [continua a mostrar] vai bater aqui neste canto esquerdo, onde você tem, quase que invisível, um crucifixo. Só que o crucifixo é visto de lado, então não parece uma cruz, ele parece apenas uma linha reta.



Praticamente tudo o que eu estive explicando até agora nesta aula está contido nisto aqui, porque aqueles papéis sociais que estes indivíduos estão representando, por um lado, personificam o que eles querem realmente ser; por outro lado, representam uma farsa destinada a alcançar um efeito político sobre outra pessoa — que é o Rei Henrique VIII — que sabe perfeitamente que tudo isto é uma farsa. E, do mesmo modo que a caveira no chão não aparece de frente, mas aparece de lado, o crucifixo também aparece de lado, como que mostrando que houve uma espécie de um deslocamento espacial de toda a

cena. Ou seja: as figuras que representam o sentido da cena que está no fundo de tudo isso, aparecem como se eu lhes mostrasse esse quadro assim [mostra o quadro de perfil]. Elas não estão invisíveis, mas a estrutura geral da situação passou, por assim dizer, da perspectiva de fundo para o plano. Passou da tridimensionalidade para a bidimensionalidade.

Ora, nessa mesma época — como hoje se vê neste próprio quadro — houve um desenvolvimento enorme da arte da perspectiva. Eu mencionei aulas atrás, que até o fim da Idade Média usava-se, geralmente, o que se chama perspectiva vertical, de modo que para assinalar a distância dos personagens, das figuras, simplesmente se colocava as figuras mais distantes num plano superior, como se fosse uma escada: o mais próximo está embaixo e o mais distante é representado como se fossem vários andares. Não há diferença substantiva no tamanho das figuras, de modo que a ideia da distância [00:30] não era representada pictoricamente, não era mostrada pictoricamente: era aludida intelectualmente. Não era uma figura, e sim, era um conceito.

A mente, para captar a ideia da distância, tinha de interpretar o quadro e referir a distância à verticalidade. Isso refletia naturalmente a ideia da própria estrutura geral do mundo como uma série de círculos concêntricos, onde o que é mais elevado, mais excelso na hierarquia dos seres, está colocado no último círculo, e daí há uma série de círculos menores que vão se aproximando da Terra. Tem o círculo das estrelas fixas, tem o que se chama *Primo Móbile* — a primeira coisa que foi movida —, depois do *Primo Móbile* tem o céu das estrelas fixas, depois tem os vários círculos planetários até chegar ao mais próximo, que é o círculo da Lua, e depois tem a Terra no meio.

A perspectiva que se adotava em pintura era exatamente a mesma que se adotava na representação cosmológica da estrutura da realidade. Note que esses mapas, que eram naturalmente geocêntricos, não eram somente uma representação da estrutura física do universo, muito menos da estrutura visual da coisa, mas era uma representação da ordem do universo. Era uma representação analógica e não uma mera cópia pictórica da coisa. De modo que criticar a inexatidão geográfica disso é um pouco deslocado porque ali a geografia e a cosmografia apareciam como símbolos, como metáforas de algo que ia para muito além dos fatos de ordem geográfica ou cosmográficos. Também na pintura a mesma coisa: o pintor não estava dizendo que todos os objetos são vistos com o mesmo tamanho, nem necessariamente que as coisas que estão mais distantes estão acima. Ninguém é idiota para confundir a distância com a verticalidade; não é porque você está vendo a vaca lá longe que ela está acima de você. Todo mundo sabia disso. Mas não se pretendia imitar a estrutura da percepção visual, e sim a estrutura de uma concepção da ordem do mundo.

Quando se introduz a perspectiva moderna, a ideia é imitar o mais possível as sensações visuais tal como elas são realmente vividas. Surge, então, a ideia de representar a distância horizontalmente. Horizontalmente quer dizer: referido ao horizonte. Então surge a ideia do ponto de fuga, que é um ponto que se marca no horizonte e para o qual todas as figuras estão convergindo, conforme

a sua maior ou menor distância do ponto de observação. Esta perspectiva é perfeitamente respeitada neste quadro. O quadro dá uma noção muito clara de profundidade. Sem esta noção, as próprias figuras — como aparecem na pintura medieval — são todas bidimensionais. Elas não dão a ideia de massa, de peso. É como se elas não estivessem representadas pictoricamente: elas estão apenas mencionadas; estão simbolizadas. A pintura não tentava reproduzir a imagem visual do mundo, mas dar uma representação pictórica de um conjunto de conceitos. Portanto, era uma pintura intelectual.

Com o advento da perspectiva moderna as figuras adquirem uma presença corporal notável. Quando você vê certas pinturas — de Caravaggio, por exemplo — as personagens parecem que estão saindo da tela. Cria um realismo visual muito grande, mas ao mesmo tempo perde-se o sentido da estrutura conceitual que está atrás. Como representar aí a ideia da ordem total do mundo que estava presente implicitamente em qualquer pintura do período anterior? Qualquer pintura, por mais modesta que fosse: o sujeito que fosse pintar a primavera, a ordem vertical estava dada lá, de qualquer maneira! Então, durante um tempo, os pintores buscam articular as duas coisas: a ideia da perspectiva visual, que insinua a distância horizontal, e ao mesmo tempo a montagem vertical, como, por exemplo, quando aparece uma cena terrestre e em cima aparecem os anjos, e em cima deles aparece Deus, todos eles representados ao mesmo tempo com a perspectiva horizontal, que dá a ideia de profundidade e a ideia da massa.

É claro que aí fica muito estranho porque as duas coisas são realmente incompatíveis. Por exemplo: se você vai usar a perspectiva horizontal, então Deus que está mais longe teria que aparecer menor, então você coloca Deus menor e ao mesmo tempo acima. Então você está combinando a perspectiva horizontal com a vertical. Muitas pinturas da Renascença são assim. Mas é claro que há um deslocamento entre as duas coisas: não é possível representar pictoricamente, ao mesmo tempo, a imitação da percepção visual e a estrutura abstrata do mundo. Não é possível isso. Muitas pinturas da Renascença, malgrado sua grandiosidade de execução, dão um efeito cômico — ao menos para mim —: Deus está acima, mas Ele é menorzinho!

E ao mesmo tempo, se há a ideia de uma perspectiva horizontal destinada a reproduzir o mundo físico tal como aparece visualmente para nós, então onde pode estar ali as visões espirituais? Como você poderia ter a perspectiva física de uma visão espiritual? É uma coisa que não se encaixa muito na outra.

Essa ideia de um deslocamento entre a ordem visível aparente e a ordem hierárquica subentendida está evidentemente no fundo de toda a experiência que eu mencionei há pouco: do mundo como teatro, ou como farsa. A imagem é tanto mais visualmente convincente, quanto mais ela oculta a ordem verdadeira das coisas. E é exatamente o que o Holbein mostra nesse quadro, porque a ordem verdadeira não apenas aparece muito camuflada e distante, mas aparece torcida, aparece alterada. Os fatores verdadeiros que estruturam tudo isso são evidentemente a morte: então todas aquelas relações político-

diplomáticas que estavam se travando entre França e Inglaterra eram todas na base de uma farsa mutuamente consentida.

Eu estava lendo Thomas More: tem a cena em que ele está jantando na casa de um cardeal muito importante e o cardeal faz um discurso e em seguida, como era de praxe, os convidados têm, cada um por sua vez, que fazer um pequeno discurso louvando o discurso do anfitrião. Quando chega sua vez, ele faz um discurso [0:40] meio inócuo mas, logo em seguida, aparece um padre ignorante pra danar, faz uma série de citações erradas em latim, faz uma coisa horrorosa, mas ele se derrama tanto em elogios para o cardeal, que o cardeal ficou nas nuvens com aquele besteiro. Então, quanto mais ridículo foi o louvor, mais ele funcionou.

Essa coisa do teatro chega a adquirir, na vida de Thomas More, um sentido trágico, porque, por um lado ele era um sujeito muito religioso, lia muito o Evangelho, rezava muito, mas ao mesmo tempo ele tinha uma atração incoercível pela vida palaciana, pelo estilo de vida da nobreza, e ele estava sempre ali. Ele era um homem importante que saiu do nada: teve uma origem pobre e se tornou Chanceler da Inglaterra, o cargo mais importante que existia. E quando ele percebeu que a onda estava mudando, isto é, que a Inglaterra estava aderindo à Reforma, ele tentou se aposentar e viver dos seus bens particulares. Acontece que esses bens tinham sido adquiridos no curso de uma carreira de homem público; então, mesmo que ele se retirasse, que ele não tivesse mais nenhum cargo público, a vida dele ainda estaria dependendo daquilo, pois esta foi a origem da sua fortuna. E quando acontece de o Rei querer, pela milionésima vez, anular seu casamento para casar com outra mulher, More, na sua condição de clérigo, não aceita isso, e há ali uma petição para que todos os nobres assinem em favor do Rei e ele, que já não tinha nenhum cargo público, se recusa a assinar; então ele é condenado à morte.

Esse teatro da vida social nas classes altas é, em última análise, baseado na ideia de um poder mortífero que está por baixo de tudo, e que ameaça a todas aquelas pessoas que estão à mesa dos poderosos — todas aparentemente alegres, todas aparentemente muito satisfeitas com a situação — mas, no fundo, no fundo, todas aterrorizadas, porque sabem que dependem de um poder discricionário que pode cortar a cabeça deles a qualquer momento.

Essa situação, onde tem essa morte no fundo do espetáculo brilhante que se desenrola no primeiro plano, é exatamente o que aparece aqui, mostrado de maneira absolutamente magistral. Os fatores que estruturam o fundo da realidade estão mostrados discretamente e distorcidos, eles estão fora da perspectiva. Eles não estão ali para ser vistos: para enxergar esse crucifixo você precisa prestar muita atenção; ele é muito pequenininho e está de lado. E esta figura que está no chão você de fato não consegue vê-la, você precisa colocá-la num desses programas processadores de imagem e esticá-la; na hora que estica você vê que é a morte que está ali.

Uma tensão entre o que é a vida verdadeira da alma e o que são os papéis sociais que nós representamos faz parte, aparentemente, da própria estrutura

da vida social; sempre existe isso. Por outro lado, você não pode dizer que estes papéis são totalmente falsos, porque alguns deles representam o seu ideal, aquilo que você quer ser. Então, no seu esforço para tornar-se aquilo que você quer ser, você tem que imitar certas condutas ou certos padrões. Como quem lhe fornece estes padrões é a própria sociedade em torno, então ela se torna o juiz da sua adequação ao papel. Ora, todos nós sabemos que desde a infância nós tentamos participar de certos grupos humanos que nos parecem personificar os nossos valores, as nossas afeições, os nossos sonhos etc., e nos afastar de outros grupos que nos parecem personificar o contrário, ou que parecem não nos dizer nada. Nós precisamos do apoio desse grupo porque é nele que nós nos reconhecemos. Você espelha o estado da sua alma na conduta dos outros e pela resposta deles à sua conduta você avalia sua adequação, a sua aprovação, ou não, por aquele grupo. Ali evidentemente há a busca da afeição, Há a busca da aprovação, há a busca da segurança social. São necessidades humanas elementares.

É por essa mesma necessidade que nós entramos numa comunidade religiosa, num clube, num partido político, em qualquer outra agremiação, ou simplesmente em determinado grupo de pessoas, e, até certo ponto, até certa idade, até certo momento, é neles que você se espelha; é por eles que você se julga. Naturalmente você faz isso porque atribui àquele grupo determinadas qualidades, determinadas virtudes que você gostaria de ter, pelas quais você desejaria ser julgado. Acontece que esse processo, embora seja inerente à própria existência social, ele tem esse fundo mortuário inarredável. Não tem como você se livrar disso aí, porque se você se modelou por aquele grupo humano, se você obteve a aprovação dele, o que esse grupo poderá fazer por você na hora da morte? Nada. Tudo aquilo que você tentou personificar, tudo aquilo que você quis encarnar perante eles, já não existe mais. A morte é a total negação e supressão de tudo isso; tudo isso vira poeira. O processo de assimilação e introjeção de condutas, embora seja necessário à vida e não haja como escapar dele, contém um risco, porque todas aquelas afeições maravilhosas, todos aqueles prêmios e recompensas sociais que você obteve sob a forma de aprovação, aplausos, presentes, cargos, dinheiro etc., tudo isso aí irá se desfazer em pó num certo momento.

A única solução para isso é você considerar todos esses processos de adaptação social apenas como símbolos de alguma coisa mais profunda e mais permanente, que é justamente a formação da sua personalidade perante Deus, ou seja: aquele que você é perante a eternidade, num diálogo tal como o de Agostinho com o Observador Onisciente eterno. Embora nossa alma, nossa personalidade, seja constituída de camadas e mais camadas de aparências, alguma coisa você é na realidade. Não se pode dizer que você é um nada. Nem mesmo a morte o transforma em um nada, porque o fato de morrer não impede que você seja eternamente aquilo que você foi em vida. Você não pode mudar mais: **[0:50]** o que você tiver sido é o que você será eternamente; aquilo que foi feito, foi feito; aquilo que não foi feito, não foi feito. Não se pode mais modificar isto. Então, de certo modo, a sua vida, uma vez terminada, tem agora uma estrutura, uma forma, que é eterna e não pode mais ser mudada. E é isto exatamente o que você é.

Ora, esta forma que você é, incorporou na sua estrutura dezenas de figuras imitativas e parasitárias que não são você realmente, e que você pode representar perante outras pessoas precisamente porque sabe que você não é aquilo e, precisamente, porque elas também sabem que você não é aquilo, tal como o embaixador Jean de Dinteville pode personificar o amigo do protestantismo perante um rei protestante, que sabe perfeitamente que ele é católico.

Essas figuras pesam sobre nós de tal modo que nós podemos perder a voz com que falamos ao Observador Onisciente. Isto significa que você se perdeu no conjunto dos personagens que você representou: não tem mais um que possa falar com a própria realidade.

É claro que aquele que fala com Deus não vai lá levando tudo o que ele é e o que ele foi na vida. Não leva todos esses papéis porque, a maior parte deles, ele sabe que são falsos e sabe que não pode representá-los perante Deus. Ele só pode representar perante Deus, um papel: que é aquele que ele realmente é. Mas ele não sabe quem ele realmente é.

Então aquele que se apresenta perante Deus não tem uma forma descritível, como têm os vários papéis que se desempenhou. É como se fosse uma pura consciência sem forma identificável: alguma coisa dentro dela tem, mas não se sabe o quê. Perante Deus, você se apresenta realmente nu, desprovido de todos esses papéis, e levando lá uma figura que você mesmo desconhece e que só o próprio Deus conhece. Ele sabe quem você é. Alguma coisa você é definitivamente, mas em nenhum momento da sua vida você pode adquirir uma posse intelectual da forma da sua personalidade e dizer: eu sou isso, mais aquilo, mais aquilo. Você nunca consegue dizer isso porque a todo o momento os elementos que o compõem contêm uma forte dose de contradição interna; e nem mesmo o conjunto das suas contradições você consegue descrever, pois elas são muitas. E não só elas são muitas, como as várias contradições também têm relações complexas entre si; então em nenhum momento você pode se descrever como uma forma ou uma figura terminada.

Aquilo que você apresenta diante de Deus é um enigma para você, e você é este enigma. Isto é a única coisa que você é realmente. E este enigma pode se apresentar perante o Observador Onisciente porque ele sabe que este Observador Onisciente é que vai defini-lo. Ele é que vai definir o que ele vai ser.

É somente essa prática que vai criando dentro de você o senso de uma verdadeira personalidade que você não pode descrever e com a qual você se identifica, sem que possa dizer grande coisa dela; ao passo que das subpersonalidades adquiridas ao longo da vida você pode escrever tratados inteiros. Portanto, você sabe que aquele que você realmente é, é alguém do qual você pode dizer quase nada, mas que tem essa imensa qualidade: existe, é real, e está presente! E está presente não só agora, como está presente eternamente diante de Deus! É isto que você é realmente. O resto é tudo

cópia; são instrumentos; são meios. Como dizia Ortega y Gasset: são elementos absorvidos da circunstância.

Não há nada mais propício para aquisição desta consciência de si mesmo — como enigmas viventes — do que os sacramentos da Igreja Católica. Eles foram feitos para isso. Você se apresenta diante de Deus despindo-se de todos aqueles elementos que foram incorporados; sabendo que esses elementos lhe foram incorporados. Chegando diante de Deus e dizendo: desculpa a palhaçada que eu fiz. O que eu tenho para dizer sobre mim é só aquilo que eu não sou; portanto, só os pecados que eu fiz. Isto é o que eu me lembro. Eu não sei quem eu sou, mas sei o que eu fiz, e o que fiz não é para ser conservado: é para ser justamente jogado fora. Então você se coloca nas mãos de Deus para que Deus o refaça do jeito que Ele bem entenda.

(Note bem: tudo isto que estou dizendo eu não tirei de estudos de teologia; não tirei da bíblia; tirei do puro exame filosófico da coisa.)

Ora, como é que Deus faz você? Ele vai refazê-lo do mesmo jeito que Ele fez o mundo. Como é que Deus fez o mundo? São Tomás de Aquino explica isso no Livro Terceiro da *Suma Contra os Gentios* — no final do livro dois e no começo do livro três.

Acontece que ele usa uma série de termos da filosofia escolástica — que na época evocavam um sentido perfeitamente claro para todo mundo que estava ouvindo —, mas que hoje já são compreendidos de uma maneira completamente diferente e falsa, que não tem nada a ver com a imaginação escolástica.

Tudo o que você ouve repercute na sua imaginação, e o que você imagina a partir daquilo que você ouviu é que vai ser o fundamento da compreensão intelectual que você vai ter. Se a sua imaginação está deslocada em relação à do autor da mensagem, você vai entender uma coisa completamente diferente. Então, para você entender a *Suma Teológica* ou – pior ainda – a *Suma Contra os Gentios*, você tem que afinar com a imaginação escolástica e tentar ouvir aquilo do mesmo jeito que as pessoas ouviam na época.

Hoje, por exemplo, quando você fala que Deus criou o mundo, isto evoca imediatamente a ideia do *design* inteligente. Quer dizer: Deus fez um projeto, que consiste de um conjunto de leis cósmicas, que determinam então a forma e a propriedade de cada ente etc. Muito bonito! Mas acontece que a doutrina católica diz que Deus criou o mundo do nada. Então de que substância Ele pode ter preenchido este mundo senão d'Ele mesmo? Isto quer dizer que Deus não cria coisas no sentido de manipular alguma matéria e lhes dar uma forma. Ele infunde a sua própria forma. [1:00] Isso quer dizer o seguinte: que criando a criatura, Deus não age sobre ela como uma força externa; Ele a constitui de si próprio.

Eu escrevi um textinho, porque se eu tentasse explicar isso oralmente, não conseguiria. Então, eu preferi escrever, e vou lê-lo, e depois eu passo o texto para vocês¹:

“Para ler o Capítulo I do Livro III da Suma contra os Gentios, é preciso colocarmos, mentalmente, no nível de abstração e universalidade requerido pelo assunto. Sto. Tomás aí trata da origem primeira de tudo o que existe. Não se trata, portanto, de imaginar uma “força” que aja de algum modo sobre as “coisas”, pois isso não só pressupõe a existência anterior de coisas, mas define o agente, de modo errôneo, por uma noção transitiva, a de “força”, quando é claro que a ideia mesma de um movimento transitivo exige algo em direção ao qual se transita”. (...)

Olavo: Mas Deus não tinha direção para a qual transitar.

“Trata-se, isto sim, de compreender que, se “existência” é o estado daquilo que existe, ela própria não pode existir nesse sentido, pois então se reduziria a um existente entre outros. Também não se pode compreender a existência como a soma ou conjunto daquilo que existe, pois nesse caso ela não teria nenhum atributo próprio senão aqueles que estão nos existentes ou aqueles que resultam das relações entre eles e, portanto, nada seria por si mesma. Para apreender a noção de existência você tem de fazer um esforço de imaginação para conceber a total inexistência do que quer que seja”. (...)

Olavo: Se nós falamos de criação, portanto nada existia. Então, vamos suprimir tudo.

“Suprima o cosmos, suprima a História, suprima todos os entes reais ou irrealis, suprima até mesmo a consciência humana (a começar pela sua própria), e tente conceber o que sobra. É o nada? Sim, certamente o nada. Mas não o nada absoluto, porque sabemos que existe alguma coisa e, se algo existe, é porque é possível. Excluídos todos os existentes, sobra um nada, mas um nada cheio de possibilidades. Se você excluir mesmo essas possibilidades, terá declarado que tudo é impossível, mas você sabe que algo é possível, já que algo aconteceu. O nada que sobra quando suprimidos todos os existentes não é pois propriamente um nada, mas um feixe de possibilidades. Quais possibilidades? Todas as que se realizaram e todas as que ainda podem se realizar. Isso é o que chamamos “existência”: a possibilidade de que os existentes existam. A possibilidade dos existentes não existe como eles existem: existe independentemente deles. (...)

Olavo: Se a possibilidade fosse coexistente com os entes, todos eles teriam que existir ao mesmo tempo, e nós sabemos que não é assim.

“A possibilidade não depende dos existentes – os existentes é que dependem dela. Mais ainda: a possibilidade transcende infinitamente os existentes, pois

¹ Texto disponível em: <http://www.seminariodefisofia.org/node/1137>. A leitura do professor é ligeiramente diferente do texto disponibilizado.

abrange também todas as relações possíveis entre eles. O conjunto das relações possíveis entre os existentes não pode ser deduzido da soma dos atributos de todos eles, pois há possibilidades acidentais que não derivam desses atributos”. (...))

Olavo: Ou seja, a possibilidade abrange não somente todos os entes possíveis, mas todas as possíveis relações entre eles, inclusive relações acidentais, que não decorrem da natureza e nem dos atributos deles.

“Para cada conjunto de atributos de um ente, há em volta um conjunto imensamente maior de acidentes possíveis, e estes, se são possíveis, fazem parte da possibilidade, estão contidos naquele “nada” que você encontrou ao suprimir mentalmente a totalidade do que existe.

A palavra “possibilidade” é usada, no dia a dia, apenas como medida de uma conjectura que fazemos sobre este ou aquele ente, sobre este ou aquele conjunto de entes, ou sobre este ou aquele fato. Mas uma coisa é a possibilidade considerada ao nível dos entes (...)

Olavo: Isto é, tomando-se entes já existentes. Por exemplo, se perguntamos: é possível um burro voar? Você está subentendendo que existe burro, que existe voo, portanto que existe a atmosfera, que existe espaço, que existe mais isso, mais aquilo, mais aquilo, mais aquilo. Então você está usando a possibilidade no sentido de uma medida da sua conjectura.

“Mas uma coisa é a possibilidade considerada ao nível dos entes, outra é a possibilidade considerada em si mesma, acima e antes da existência de qualquer ente. No primeiro sentido, a possibilidade é uma relação entre entes. No segundo, é a constituição desses entes como “essências”. A palavra “essência” designa o que um ente é, independentemente de ele existir ou não”. (...)

Olavo: Portanto, você já entende que na possibilidade estavam contidas todas as essências — não os entes existentes, que só passaram a estar lá depois de existir. Mas, o que é essência? É a forma da sua possibilidade. O que é a essência de um gato? É o que o gato será se ele existir. O que é a essência de um dragão verde com bolinhas cor-de-rosa? É o que ele será quando existir, se existir.

“Como cada ente existente é alguma coisa, tem alguma essência, e como tudo aquilo que existe é necessariamente possível, é forçoso concluir que, no plano da possibilidade pré-existente, todas as essências já eram o que viriam a tornar-se na existência real. Ora, entre as essências existem relações lógicas incontornáveis, independentes e prévias à existência dos entes que as manifestam. Os entes matemáticos ilustram isso de uma maneira esplêndida: antes de que existisse qualquer objeto esférico, os pontos da superfície da esfera já eram equidistantes do seu centro; antes de existir um quadrado, já

era forçoso que, cortado pela diagonal, o futuro quadrado resultasse em dois triângulos isósceles. Portanto, se todas as essências estavam presentes na possibilidade total antes que qualquer ente a elas correspondente viesse à existência, temos de admitir também que todas as relações lógicas entre todas as essências possíveis já estavam contidas na possibilidade total. Mas entre os entes há relações que, sem ser ilógicas, são alheias à lógica, no sentido de que não podem ser deduzidas das essências: são as relações acidentais. Se essas relações não estivessem contidas na possibilidade total, seriam impossíveis e portanto jamais apareceriam na existência; como aparecem, é necessário concluir que estavam.

Pergunte agora como - sob que forma, que modalidade - todas essas essências e todas essas possibilidades estavam na possibilidade total? Estariam lá de maneira confusa e mesclada, só se distinguindo ao longo do processo da 'existenciação'?" (...)

Olavo: Quer dizer: as possibilidades eram todas confusas e à medida que existiram, elas se distinguiram.

"Seria o mesmo que dizer que, no curso da sua vinda à existência, essas essências realizaram uma possibilidade que não estava na possibilidade total, ou seja, uma possibilidade impossível". (...)

Olavo: Então, é claro que não é possível esta hipótese.

"As essências e suas relações, inclusive acidentais, estão todas presentes na possibilidade total, e estão lá em modo perfeitamente ordenado e límpido". (...)

Olavo: Inclusive as relações acidentais. Elas não estão mescladas e confusas.

"O que você encontrou ao suprimir todos os existentes começa a se parecer cada vez menos com um nada: ele é antes a ordem prévia de todas as possibilidades manifestadas no curso da existência.

Pergunte agora a si mesmo se a possibilidade universal pode ser concebida apenas como um sistema teórico, hipotético, passivo e inerte, de equações ou relações lógicas quaisquer, sem nenhuma existência em si mesma. A resposta é clara: [1:10] se a possibilidade total não existe, não existe possibilidade nenhuma. A possibilidade universal não existe, portanto, como possibilidade no sentido fraco da palavra, como quando dizemos que um jogo de xadrez tem a possibilidade de terminar com a vitória das negras ou das brancas. Ao contrário: contendo em si todas as possibilidades da existência, ela abrange e contém a existência - toda a existência. A existência deriva da possibilidade, e não esta daquela. Contendo em si a existência, ela nem pode ser inexistente, nem pode "existir" como existem os entes: Ela tem uma modalidade especial de existência. Como diriam os filósofos escolásticos, ela existe de modo eminente; ela existe mais do que a totalidade dos existentes. Contendo em si a existência na sua totalidade, bem como a inexistência que limita a existência, ela é a existência da existência".

Olavo: Isso é que é Deus. Então, por favor, não conceba Deus como um Ente Supremo, um Ser Supremo. Isso é figura de linguagem. Deus é a existência da existência, é a própria possibilidade da existência. Portanto, a existência é um aspecto da possibilidade; a possibilidade enxerta a existência na existência. E de onde vem essa existência? Dela própria.

Eu sei que tudo isso parece bastante abstrato, mas note bem: isto aqui não foi feito como uma demonstração, e sim como uma meditação. Meditação sobre o quê? Sobre a frase “Deus criou o mundo”. A meditação, diz Hugo de São Vitor, é, em vez de você tirar consequências de uma afirmação, rastrear o que está no fundo dela; rastrear o sentido mais pleno do que está dado ali. Portanto, pode parecer uma demonstração lógica, mas é o contrário de uma demonstração lógica. Na verdade, a maior parte dos escritos filosóficos que existe são meditações, e não demonstrações. Demonstração é quando você está querendo provar alguma coisa para alguém. Eu não estou querendo provar nada para ninguém; estou só querendo entender.

Este esforço da inteligibilidade, seja da experiência, seja de algo que você leu, isto é filosofia tomada na sua expressão máxima. E note bem: o que eu estou tentando entender, aí, não é somente a frase “Deus criou o mundo”, mas é a famosa resposta à pergunta “por que existe alguma coisa e não antes o nada?”. Enquanto você conceber, por exemplo, o Universo somente no sentido cosmográfico, e perguntar quem criou isto, e se isto foi criado, você nunca vai encontrar a resposta; porque cosmos já é uma forma determinada, já é, por assim dizer, uma coisa. E, não há nenhum jeito de você rastrear a origem dessas coisas, se você supuser que para além delas existe algo que as criou; você nunca vai chegar a coisa nenhuma, porque este “para além delas” não está para além delas; está nelas, e está também para além delas.

Você entende isso particularmente se você meter na sua cabeça o conceito do círculo de latência: que cada ente que existe, ele só existe porque tem um feixe de possibilidades imenso que o circunda; amputado deste círculo, ele não seria nada. Eu volto ao exemplo do cachorro que está deitado: você vê que ele pode se levantar, pode latir, pode abanar o rabo, pode fazer uma série de coisas. Se ele não pudesse fazer nada disso, ele não seria um cachorro; seria uma imagem de cachorro. Portanto, nenhum ser é somente a sua presença atual; o ser é o seu círculo de latência.

Então você não pode investigar a origem deste ente, ou de todos os entes; você precisa primeiro lembrar que eles são a sua presença atual; eles são o seu círculo de latência. Eles são um conjunto de possibilidades; e aí quando você pergunta pela origem desse conjunto de possibilidades, aí sim você chega a alguma coisa. Portanto, você tem de lembrar: se você quer saber se Deus

criou o mundo, bom, Deus não fez assim. Ele primeiro criou a possibilidade do mundo: é esta que você tem de investigar. Aí você chega a alguma coisa.

Tudo isto que eu estou dizendo, estava, obviamente, na cabeça de Santo Tomás quando ele disse aquelas coisas, porque ele sabia que todo mundo iria entender exatamente assim. Mas, hoje as pessoas já não entendem assim, porque os termos foram se carregando de outras conotações, todas elas materializadas e coisificadas, de modo que nós temos que primeiro dissolver o sentido aparente do que o homem está dizendo, para daí, por baixo dele, encontrar a verdadeira vida daquelas palavras.

Quando as pessoas dizem que estão buscando Deus, eu me pergunto: que raio de coisa eles estão buscando? Eu acho que qualquer sujeito que diz que está buscando Deus está mentindo, porque você está buscando algo que você não sabe o que é. O que você tem de buscar não é Deus: é a verdade, e a verdade é a realidade. Quer dizer: eu quero a Realidade das realidades. Ou seja: apagadas e suprimidas todas as ilusões, todas as aparências momentâneas, todos os autoenganos, o que sobra? É isso que você tem de buscar. Agora, se você está buscando Deus, você já está buscando um determinado personagem; e esse personagem é representado, culturalmente, sob uma multiplicidade de formas, que só confundem as coisas; inclusive no ensino religioso meu Deus do céu! Então, por aí você não vai encontrar nada.

O que você vai encontrar? Você vai encontrar um grupo de referência; pode até ser um grupo de referência chamado Igreja. E daí você entrou lá, você acha que agora está no certo; você está entre os eleitos, e quem quer que saia daquilo é um malvado. Se for isso que você quer, no Partido Comunista você obtém a mesma coisa. A Igreja também dá isso; só que ela não foi feita para dar isso.

É por isso que eu digo a esse rapaz que me foi mencionado: meu filho, se você teve a pior desilusão da sua vida, você dê graças a Deus! Foi Deus que estourou a sua ilusão! Ele não quer que você se apegue a essas coisas, porque tudo isso são formas criadas historicamente; umas mais legítimas, outras menos legítimas. Nem todas essas formas estão carregadas de criminalidade, como é o caso dos Legionários de Cristo. Graças a Deus existem essas empulhações, porque elas são desmascaradas, elas estouram como bolhas de sabão e nos deixam no vazio. E é esse vazio que você leva perante Deus. Para quê? Para que Deus o faça de novo.

Deus é o fundamento da sua realidade. Você não tem nenhuma realidade fora daquela que Ele está infundindo em você. E é isto que aparece de novo na comunhão: quando o Padre põe a hóstia na sua boca, e diz: “este é o corpo de Cristo”; o que é o corpo de Cristo? É o conjunto da possibilidade universal da

qual foi feita toda a existência; [1:20:00] e você está sendo feito de novo naquele momento! Não procure uma explicação física para isso, porque todas as explicações físicas são tão remotas em relação a isso – a Física inteira não faria o menor sentido sem isto que eu estou lhe dizendo aqui. A Física é uma pobre especulação perto disto aqui. Isto aqui é a verdadeira Ciência: isto é a Ciência das ciências; isto é a verdadeira Metafísica. Por que aquele pedacinho de pão é o corpo de Cristo? Se ele não fosse o corpo de Cristo, você também não estaria aí.

Um elemento importantíssimo consiste em você entender que esse conjunto de possibilidades de existência não é necessário: são apenas possibilidades. E não há nenhuma razão, nenhuma, nenhuma, nem meia razão, para que o conjunto dessas possibilidades de existência se manifestasse em algum momento, porque a possibilidade universal contém tudo em si mesma; ela não precisa de nada. Não há nada fora dela.

É por isso que se diz que Deus criou o mundo por amor. Não tem outra explicação. O que cria o mundo não é uma força física, ou uma força metafísica. Não! É o ato de infundir a própria existência de Deus nas coisas. Deus constitui as coisas por dentro: Ele é as coisas! Ele é tudo o que existe! Nada existe fora d'Ele! “N'Ele vivemos, nos movemos, e somos”, diz o Apóstolo.

A “busca de Deus” só faz sentido se você for capaz de se colocar no nível de abstração e universalidade que isso exige de nós. Nós não temos a visão intuitiva dessas coisas. Nós temos de meditar muito para chegar nelas.

E quando você lê essas cinco linhas de São Tomás, você diz: “Meu Deus, está tudo isso aí dentro?”. E aí você entende porque o homem é um Doutor da Igreja.

Note bem: todos nós temos parentes, amigos, temos grupos de referência etc.: tudo isto vai sumir! Na hora da morte tudo isto vai sumir; não vai sobrar nada, nada, nada, nada. Mas, tem algo que não dá para sumir: aquilo que você realmente é: a sua existência tal como Deus a constituiu. É só isto que sobra; e tudo o que foi da sua vida será confrontado com isto, e tudo será transformado em nada!

Se você não tem nem um pinguinho de conhecimento desse enigma que você é, perante você mesmo — e que para Deus não é enigma nenhum — então você está liquidado! Você escolheu o nada!

É só isto o que interessa! Uma só coisa é necessária: não tirar os olhos disto durante a sua vida inteira. E isto é o que a Bíblia chama de “caminhar diante de Deus”. Quer dizer: você está fazendo as coisas para que Deus as veja. O

seu estado de espírito varia; mas, a visão que Deus tem de você é permanente.

Há horas em que você se permite entrar em condutas que sabe que estão falseando a sua essência originária: você está fingindo que é coisas que você sabe que não é; porque embora nós não nos conheçamos como Deus nos conhece, nós sabemos que temos dentro de nós a figura que Deus criou para nós. Ela está lá sempre! E nós sabemos que, às vezes, nós fingimos que somos outras coisas; nessas horas, nós ficamos envergonhados perante Deus. Mas, note bem: ficar envergonhado perante Deus não é a mesma coisa que ficar envergonhado perante os outros. Perante os outros — perante a comunidade humana, perante os amigos — você se envergonha de coisas que eles criticariam; ou de coisas que até o prejudicassem socialmente. Mas você acha que Deus vai te prejudicar? Você acha mesmo que Deus vai ficar dizendo: “Ah! Você fez isso; você fez aquilo”. Meu Deus! Isso é de um ridículo tão imenso!

Se você tentar pegar toda a doutrina da Igreja e tentar deduzir dela qual a conduta que você deve seguir em tal ou qual situação, você não vai conseguir. Porque, já dizia São Tomás de Aquino, o problema é o seguinte: a ordem da moralidade consiste numa série de regras gerais e a vida moral constitui-se de uma série de situações particulares, irreduzíveis a outras situações. Então, você nunca sabe exatamente o que você deve fazer.

Assim sendo, por este processo do modelo de santidade você não vai chegar a parte alguma. Você vai é se atormentar de tal maneira, que vai sentir a necessidade de atormentar os outros. Você vai estar, 24 horas por dia, dizendo: “eu sou um pecador, mas você é mais.”

Quando você segue esta linha — da chamada norma moral — o que você está fazendo é desempenhar um papel no grande teatro do mundo. E qual é o grande pecado perante Deus? É desempenhar qualquer papel no grande teatro do mundo, antes de desempenhar um papel perante Ele. Por isso a Bíblia diz: “Deus é ciumento”. Deus quer a sua atenção. Ele quer que você faça as coisas perante Ele. Quer que você se exhiba perante Ele; e não perante o vizinho, perante os Legionários de Cristo, perante o Partido Comunista, perante o PT, perante o MST, perante o Sport Club Corinthians Paulista, perante a sua família, ou perante a sua mulher.

Não pode ter dois deuses. Esta coisa só tem um espectador.

Você sabe que qualquer que seja a confusão das figuras que você assumiu durante a vida, algo você é, realmente. É o que você é na possibilidade eterna. É o que você é perante Deus. E é este que tem de se apresentar perante Deus.

Eu acho que quando você vai confessar os seus pecados, Deus vai dizer assim: “nem precisa, porque Eu já sei de tudo”. Então, o que você faz? Você pergunta a Ele. A verdadeira atitude de confissão, como mostrou Santo Agostinho no livro inteiro das *Confissões*, é uma atitude de pergunta perante Deus; de pergunta e de abertura, de modo que, ao longo da vida, a sua figura perante você mesmo se tornará cada vez mais vazia. Cada vez você saberá menos sobre você. “Eu sou assim, ou sou assado?” Não sei! Porque nenhum ser humano pode se definir efetivamente nessa chave, pois esta é a chave do teatro. Esta é apenas uma aparência. Você pode estar assim, ou estar assado... Pode estar parecendo isto, ou parecendo aquilo... Mas, essa alma vazia de atributos — por assim dizer — é que você oferece a Deus, para que Ele a preencha; esta é a sua única verdadeira realidade. O resto realmente não existe. São só impressões. **[1:30]**

Inclusive aqueles modelos de boa conduta e santidade que você está seguindo também fazem parte do teatro. Você pode até dizer: ah! Mas são modelos um pouco melhorzinhos do que os outros! Sim, eles o são! Mas perante o infinito, que diferença faz? Então, não há atitude certa, perante Deus, senão a total rendição. E a total rendição consiste em admitir: eu não me conheço, eu não me entendo, eu não entendo você, eu não entendo absolutamente nada. Então, faz de mim o que queres que eu seja. É só isso!

Esse é o único objetivo que merece uma vida, porque isto não vai acabar. Isto é a sua realidade eterna – o mais não interessa.

Por exemplo: se eu fizer a lista das minhas decepções... Eu comecei, por criança, a me decepcionar com a minha família; depois, eu me decepcionei com os professores na escola — eu vi que a gente estava na mão de um bando de ignorantes e malucos que não estavam minimamente interessados em nos educar; os melhores eram apenas burocratas que estavam lá marcando ponto, isto quando não eram charlatães, mentirosos, tarados, pedófilos etc. Mais tarde, me desiludi com os meus amigos, com o Partido Comunista, com a psicanálise; desiludi-me com um monte de coisas na vida! Eu pergunto: isso foi mau para mim? Claro que não! Foi uma beleza! Porque só tem uma coisa que é constante e da qual não dá para você se desiludir, que é exatamente este momento de que eu estou falando: o momento da confissão.

É claro que a confissão ritual, feita no confessionário, é apenas uma imagem disto. É para sacramentar. Por isso que se chama ‘sacramento’. É como você passar um atestado no cartório. Quando você vende um terreno para um sujeito, e ele lhe paga, ele já é o dono da coisa, mas é preciso sacramentar. Para quê? Para que outros reconheçam o negócio. Então o padre, ali no confessionário, está sacramentando a confissão que você já fez. E note bem que a confissão que você faz no confessionário é uma pálida imagem do exame de consciência que você fez. Qualquer um sabe disto. Quando eu começo a examinar os meus pecados — pecados em pensamentos, atos, intenções, omissões — é uma lista que não acaba! Eu poderia escrever um

livro! Eu não posso dizer tudo isso para o padre; então eu faço um índice e dou a ele. E note bem: a Igreja instrui o padre para orientar o fiel a que a confissão seja sumária, e não detalhada. Por quê? Por causa disto.

Outra coisa: (agora falando especificamente para esse rapaz, que deve estar me ouvindo. Se não estiver ouvindo agora, vai ouvir na gravação) a maior vantagem dos sacramentos da Igreja — e isto está claro na *Suma contra os Gentios*: há um capítulo inteiro sobre isto — a eficácia dos sacramentos não depende da bondade do sacerdote. Não depende em nada. Ele pode ser um criminoso, pedófilo, tarado, louco, assassino, não interessa quem está fazendo aquilo. Se ele seguir a fórmula certa, igual ao que o outro fez, aquilo vale. É por isso que tanta gente diz: *ah, mas nos Legionários de Cristo tem tanta gente que se converteu ao catolicismo, que são católicos graças aos Legionários de Cristo*. Eu digo: claro, o sacramento funciona do mesmo jeito! A não ser num caso, por exemplo: dizem que padre Maciel confessava e absolvía os próprios caras que tinham pecado com ele. Isso aí dá excomunhão automática. Mas, e o resto? Os milhares de padres que estão rezando missa, confessando, dando comunhão? Tudo isso vale; funciona do mesmo jeito. Então, não se preocupe, meu filho. Todos os sacramentos foram válidos. E se você perdeu o grupo de referência, ótimo! Se você ficar absolutamente sozinho...

Eu fiquei muitas vezes sozinho; sozinho no sentido de não ter um amigo; de não ter uma pessoa que me aprovasse; de não ter uma pessoa que achasse que estava fazendo o certo; todo mundo estava contra mim. Já me aconteceu isso. E ali eu aprendi isto: todas as imagens que eu tinha de mim mesmo, e que eram sustentadas pela aprovação dessas pessoas, todas elas caíram. E, agora, eu vou ficar no vazio? Não tem vazio; tem algo ali, que você não sabe o que é. É o seu enigma, é como Deus te fez. É só isto que existe. E o resto passa por nós. Portanto, as desilusões da vida são coisas maravilhosas. Enquanto não for possível achar este ponto em que simplesmente não é possível desiludir-se, você vai procurar outras ilusões. Ficar totalmente livre de ilusões, nenhum de nós fica. Mas nós precisamos saber que são ilusões, e que elas virão e vão embora. Então, quando elas vierem, não se entusiasme muito, e quando elas forem embora, não chore muito.

Vamos responder a umas perguntas aqui:

Aluno: É interessante notar que a toalha sob os objetos da mesa no quadro de Holbein é toda entretecida de pequenas suásticas, símbolo do mundo polar. Neste caso, o eixo ao redor do qual roda o mundo, representado pelos símbolos, é justamente o eixo perpendicular do quadro, o que reforça a interpretação dada pelo senhor. Ou eu viajei?

Olavo: Não viajou, não! Essa estrutura assim perfeitamente dividida, na perpendicular e na metade, todos os estudiosos do assunto reforçam isto.

Aluno: O método psicanalítico não tenta criar um simulacro de diálogo com o Observador Onisciente?

Olavo: Perfeito! Perfeito! É exatamente isto! Primeiro, o método psicanalítico supõe que existe um treco chamado “o inconsciente”. Eu já li narrações de

psicanalistas — da sua longa convivência com o inconsciente alheio — em que eles acabavam falando disto como se fosse uma pessoa: um bicho muito astuto, capaz de enganá-los por anos a fio. Eu acho que isso é uma personificação: uma espécie de fetichismo. O psicanalista, como o sujeito que tem acesso ao seu inconsciente, está colocado ali na mesma posição de Deus. Tanto que existe esse fenômeno que chamam da transferência, em que durante um tempo você acaba vendo o psicanalista como se ele fosse uma função da sua mente. Quer dizer: o domínio que ele adquire sobre a sua mente é total. E depois você é obrigado, para terminar o tratamento, a fazer a contratransferência: você rejeita o psicanalista, começa a achar que ele é um idiota etc. etc. Isso tudo faz parte do processo.

Aluno: O senhor já contou a história de um momento fundamental de sua vida, quando diante do espelho percebeu que não era mais um segredo para si mesmo. Como isso se articula com a consciência de si mesmo como enigma vivente, própria da vida como o senhor explicou hoje.

Olavo: É muito simples. O fato de eu, naquele momento, perceber que sabia tudo sobre mim mesmo é o mesmo que dizer que tudo isso era um imenso vazio; que tudo isso era um nada! A partir do momento em que eu disse “Isso aí já não me interessa mais”, o que é que estou dizendo? Que tudo isso é um nada. Quer dizer: eu não faço mais perguntas sobre mim mesmo. Esse estado quase de translucidez para mim mesmo naquele momento foi justamente no sentido de uma transparência: eu não sou nada! Eu sou apenas uma consciência que fala com Deus — o resto é tudo historinha que eu inventei a respeito de mim mesmo.

Aluno: Acabo de retornar de uma viagem a Londres e Paris, cidades nas quais visitei respectivamente a Abadia de Westminster e a Catedral de Notre-Dame. A visita a esses locais que datam de séculos, nos quais estão enterradas personalidades importantes de diversas épocas, entre os quais reis e rainhas, leva à inevitável reflexão sobre a nossa mortalidade, sobre a nossa finitude, e, por consequência, da transitoriedade dos nossos papéis sociais, por mais importantes que eles aparentemente sejam num dado momento e local. Contudo, retornando à vida cotidiana, a importância [1:40] dos papéis sociais parece aumentar novamente, parece ganhar força num nível emocional, embora intelectualmente a lembrança da nossa mortalidade ou finitude, da mortalidade de reis e rainhas, nobres e grandes personalidades, esteja ainda presente em nossa mente. Essa é uma tensão entre o que conhecemos e o que sentimos? É inevitável para nós durante a vida inteira, ou com a aquisição de sabedoria isso vai se tornando menos problemático?

Olavo: Eu acho que se torna muito menos problemático. Chega uma hora em que você realmente não liga mais para os papéis sociais. Claro que nesse momento você se torna muito esquisito para as pessoas, porque elas só são capazes de te olhar nesse aspecto. Então, chega um momento em que você não faz mais questão de ser compreendido. Quer dizer: *não precisa me compreender, porque no que me ajuda você me compreender ou não? Pode ser bom pra você; pra mim, não serve em nada.*

Faz tempo que eu digo para as pessoas: eu só quero ter um ouvinte e um leitor: é Deus. Eu estou falando perante Ele. Se vocês querem, sinceramente, esta é a minha única preocupação. É só isso que eu quero fazer. E é claro que dessa conversa, muita coisa reverbera sobre outras pessoas, e espero que tenham um efeito bom. Mas eu não posso controlar isso. Uma pessoa pode pegar uma frase minha e construir ali uma monstruosidade, e dizer que fui eu. Eu não tenho controle sobre isto. Às vezes eu vejo interpretações que circulam pela internet, onde o sujeito foi parar longe, lá em Vila Inhogunhé. O que é que eu posso fazer? Eu não posso controlar isto.

Aluno: Para ser um filósofo, é necessário conhecer essa tensão e saber conviver com ela, ou é necessário superá-la de algum modo?

Olavo: As duas coisas: uma coisa para a outra. Você precisa, primeiro, conhecer essa tensão; aceitá-la; saber que ela sempre existe; está sempre presente. E chega uma hora que — não é bem que você a supera —, mas a sua conversa passa para outro nível: que é o nível da confissão, aonde, de certo modo, tudo o que você vai falando ou pensando, você está pensando aquilo diante de Deus. Você está permanentemente em estado de confissão. Eu acho que isso é uma coisa que a gente pode alcançar na vida. Se até um idiota como eu estou alcançando, por que você não pode? Eu acho que isso existe, e é possível para todo mundo. Aliás, eu acho que esta é a natureza da existência humana. Porque fora disso, você fica numa alternância entre determinados papéis sociais a que você se apegou, que você ama, etc. etc., e o nada, o vazio.

Mas esses papéis são imaginários, e o nada também é imaginário, porque é impossível que você seja um nada. Algo você realmente é — não socialmente, não historicamente. Mas algo você é perante a eternidade. Esse algo pode até ser um vexame, mas que você é, é.

Aluno: “Em Deus vivemos, nos movemos e existimos”. Como distinguir, nesta frase, Deus transcendente e Deus imanente?

Olavo: Não, você não distingue; você simplesmente sabe que Ele tem esses dois aspectos. Não é possível você distinguir um do outro. Você sabe que Ele tem esse aspecto imanente, porque Ele está presente e está aqui; mas você sabe que Ele não está inteiro, senão você seria o próprio Deus. Mas não tem um jeito de você distinguir substantivamente uma coisa da outra. Trata-se de uma distinção, e não de uma separação; é apenas uma distinção mental. Não existe um Deus transcendente e outro imanente; existe a transcendência e a imanência.

Aluno: Aproveitando que o senhor trouxe à tona a questão da fraude científica, gostaria de trazer uma questão que remete à filosofia da Idade Média e à criação das universidades. Por quanto tempo a técnica da quaestio disputata (a questão disputada) foi empregada e por que caiu em desuso?

Olavo: Bem, não foi só a *quaestio disputata*: foi toda a técnica da discussão medieval. As *quaestio disputata* são apenas as questões mais difíceis e que eram colocadas para professores muito experientes, que tinham que responder

perante toda a comunidade. Mas o chamado debate em forma — debate formal — onde todas as precauções do método dialético são tomadas explicitamente... Por exemplo: um sujeito apresenta um argumento, subdivide o argumento, mostra o argumento com toda a clareza; e daí o outro, em primeiro lugar, reexpõe o argumento, subdividindo-o à sua maneira, e dizendo qual das partes ele vai contestar, e como: se vai contestar por uma contradição interna, por um fato alheio, se vai simplesmente contestar o nível de predicação que ele fez — por exemplo: ele generalizou mais do que devia. E daí você vai fazendo tudo isto metodicamente. Só uma discussão assim é que pode levar a alguma coisa. O resto não pode.

A discussão polêmica — pública —, que acontece hoje, é mais um confronto de egos: eu entro nela sabendo que é isto; sabendo que há certos egos que merecem ser destruídos. Não é para colocar o meu no lugar deles, mas eles também não podem ficar aí. Quer dizer: a polêmica tem mais um efeito psicológico que educativo.

Até praticamente o começo do século XIX, as pessoas tinham consciência disso e sabiam colocar as questões mais ou menos como os escolásticos as colocariam. A partir daí foi se perdendo até cair num total amadorismo. Isto piora ainda porque este vocabulário escolástico, toda essa técnica escolástica, se conserva entre autores escolásticos modernos, mas se conserva um pouco coisificada. Eles perdem aquela notável flexibilidade, aquela habilidade, com que Santo Tomás e outros mexiam com aquilo. Você lê, por exemplo, a *Lógica Menor* do Jacques Maritain, você tem a impressão que ele está lhe dando a fórmula de se chegar à verdade: isto é assim e está acabado! Quando nós vamos ver, tudo aquilo que está tão arrumadinho, na verdade não está tão arrumadinho assim. Por exemplo, todas essas questões que nós levantamos, como a simples apreensão, essas questões, todos esses conceitos são bastante explosivos e complicados.

Agora, quando você vê Santo Tomás lidando com essas coisas, ele nunca cai no erro de tomar a sério o seu próprio formalismo e fazer com que esse formalismo se subentenda à complexidade da questão com que ele está lidando. Ele nunca faz isso. Às vezes parece que faz: como nas vezes em que ele fecha o raciocínio numa fórmula. Mas essa fórmula é como a conclusão de um longo raciocínio cheio de complexidades e sutilezas dialéticas, de maneira que se você pegar só as conclusões e pular toda a trabalhadeira que ele teve para chegar lá, as conclusões não valem grande coisa.

Veja: na filosofia nenhuma afirmação significa nada, se amputada do caminho percorrido para chegar a ela. É o contrário do que acontece, por exemplo, na doutrina da Igreja Católica, na Teologia. Quando a Igreja fecha questão em torno de uma conclusão... Por exemplo: você pega o livro do Denzinger, o *Enchiridium*: está lá o resumo da doutrina da Igreja, isto é, as conclusões a que chegaram. Você não precisa conhecer a história inteira das disputas que houve em torno daquilo para você compreender o sentido do dogma. Historicamente, precisa; mas logicamente, não. Agora, em filosofia nenhuma frase significa

nada por si mesma. A caminhada, o movimento dialético, é tudo. E isto você vê claramente em Santo Tomás. [1:50]

Aluno: O exercício do necrológio pode ser entendido a partir da seguinte colocação: o que você fez com as suas circunstâncias durante a sua vida?

Olavo: Não só isto. O principal objetivo do necrológio é colocar você perante o fenômeno da sua morte; e, portanto, a ideia da forma da existência. A forma da sua vida também não é a forma do seu ser; foi apenas a vida que você conseguiu levar. Quando eu sugiro que você encare tudo isto sob o aspecto do melhor possível, isto ainda não é a ideia do que você apresenta perante Deus, mas o que você legou aos outros: a sua vida compreendida como um ato de amor. Aí sim, é este o sentido que eu pretendo colocar com o necrológio: o que você realmente deu aos seus semelhantes. Não é possível que isto desapareça, que isto seja um nada, porque isto evidentemente vem do que há de mais sério, mais profundo e mais verdadeiro no ser. Ainda que você mude muitas vezes a versão do seu necrológio, você vai acabar observando algumas constantes, e essas constantes assinalam deveres que você tem a cumprir. Note bem: não é um modelo, foi você mesmo quem inventou.

Aluno: Escutei o último áudio onde o senhor comentava a teoria evolucionista em um novo livro – o livro do Dr. Vij Soderá – que o havia deixado perplexo diante de novas perguntas sobre a fossilização imediata dos ossos de animais que os pesquisadores encontram e com eles tentam comprovar a tal teoria.

Olavo: O que o Vij Soderá diz é o seguinte: existem inúmeros casos de fossilização quase imediata, portanto todas as escalas fósseis são duvidosas. A mim me parece o famoso *exemplum in contrarium*: se você faz uma teoria que generaliza sobre um determinado campo, se dentro desse campo você encontrar uma única amostra que contraria aquilo, toda a teoria se torna duvidosa. No caso, não é um exemplo, são muitos! Daí, um dos princípios que ele chega a enunciar neste livro é o este: qualquer espécie animal pode ter existido em qualquer tempo, antes ou depois do primeiro ou do último fóssil encontrado. Para mim, isso me parece uma suprema obviedade; ou seja, nós não sabemos quando existiram esses animais.

Aluno: Pois bem, eu que não sou nenhum letrado – talvez seja um verdadeiro analfabeto, já que larguei os estudos no quarto período de Direito – sempre fiz perguntas e nunca encontrei respostas: 1) por que nunca compararam fósseis de animais semievoluídos com os corpos de pessoas que foram petrificadas em 79 d. C. em Pompéia?

Olavo: É uma boa pergunta. Porque esse é um caso de fossilização imediata!

Aluno: A erupção de um vulcão, o Vesúvio, petrificou toda a cidade, sendo mantida escondida debaixo da terra por mil e seiscentos anos antes de ser reencontrada, por sorte.

Olavo: Eu acho que seria uma boa comparação.

Aluno: Pergunta 2: se uma simples girafa não tinha o atual pescoço enorme, e tal parte do corpo foi se desenvolvendo para alcançar a copa das árvores, por que nunca foi encontrado um fóssil de uma girafa com meio-pescoço?

Olavo: Esta aí outra boa pergunta.

Aluno: Afinal de conta teríamos milhares, já que o processo entre o primeiro animal e o atual deve ter levado milhares ou milhões de anos.

Olavo: Olha: a própria escassez de fósseis em comparação com as espécies existentes já é algo que chama a atenção. Porque, de fato, um processo de milhões de anos tem que ter deixado milhões e milhões de cadáveres por aí. E onde estão eles? Por que são tão difíceis de encontrar?

Aluno: Honestamente, admito que é impossível saber o que crer diante de tantas perguntas sem respostas.

Olavo: No mínimo, no mínimo, nós devemos admitir o seguinte: não existe nenhuma prova concludente de nada. Existe um monte de fatos que a gente tenta entender e que, além de poderem ter interpretações variáveis, frequentemente a própria materialidade desses fatos é duvidosa. A história da escala fóssil é um exemplo. Ainda tem aquilo que eu contei para vocês, do Dr. Jack Cuozzo: alguns esqueletos famosos de Neanderthal, e de homens de Neanderthal, são falsificados, e estão lá no Museu do Louvre, em Paris, e são considerados o tesouro da ciência ocidental.

Aluno: Sempre ouço o programa do prof. Olavo de Carvalho. Falando do programa a amigos, uma das pessoas me questionou o fato do prof. Olavo pedir à Virgem Maria e a um padre – padre Pio de Pietrelcina – que rogassem por ele no programa. Ela disse que isto era errado, porque somente Jesus poderia realizar esta tarefa perante Deus, já que Maria e qualquer santo estão mortos como qualquer outra pessoa. Essa refutação tem algum fundamento bíblico?

Olavo: Em primeiro lugar, você precisa ver que a autoridade do Evangelho deriva da autoridade da Igreja, e não ao contrário. A Igreja foi constituída muito antes que se escrevessem os Evangelhos; e da multidão de Evangelhos existentes, foi a Igreja que selecionou quatro e impugnou os outros, porque tinham contradições, absurdidades, etc. Então, você não pode jogar o Evangelho contra a Igreja porque o Evangelho é a expressão da Igreja; é a Igreja que garante o Evangelho. Então a autoridade da Igreja se sobrepõe. A ideia de você seguir somente as Escrituras é totalmente autocontraditória; não é possível isto.

Segundo lugar: a Igreja afirma que os santos intercedem, e a experiência o confirma. Você lê a vida de padre Pio de Pietrelcina... Olha, se eu rezasse para uma menina que não tem pupilas enxergar, ela não enxergaria, mas o padre Pio rezava e ela passava a enxergar. Quer dizer: Jesus Cristo tinha um preconceito a favor do padre Pio; ele ouviu o padre Pio com melhor disposição do que ouve a mim. Então, somente um burro vai rejeitar essa intercessão!

Olha: se você é protestante, você sabe que nem todas as preces de todos os pastores são ouvidas igualmente. Eu também já recebi preces de um pastor que foram atendidas imediatamente. Foi o pastor Melvin Jones. Ele veio aqui visitar a cidadezinha, e o sujeito fez um sermão, chamado *The Storms of Life* (As tempestades da vida), um dos sermões mais maravilhosos que eu ouvi na minha vida. Daí, quando terminou, disseram que o pastor rezaria para aquelas pessoas que estivessem com algum problema. Eu cheguei para ele e lhe falei sobre uma encrenca em que eu estava; ele então orou por mim. No dia seguinte o problema resolveu-se! Outros pastores poderiam ter rezado e não acontecer nada! Então, não é uma questão de doutrina, mas de experiência. Vocês mesmos têm essa experiência. Por que é que você vai a um pastor e pede para ele rezar por você? Você nunca fez isso? A toda hora, no culto, eles fazem isso. Então, você acha que o pastor fulano é melhor que o sicrano? Bem, eu acho que o padre Pio é melhor que os dois.

Quanto à Santíssima Virgem Maria, ela já deu provas de ser capaz de fazer algo até melhor do que orar por nós. Ela aparece, faz profecias, as profecias se cumprem, e a sucessão de milagres que acontecem em Fátima, em Lourdes, dá testemunho. Você não pode negar todas essas coisas. Aí a pessoa diz: ah, é o diabo que está fazendo tudo isso. Ora, os chamados milagres demoníacos têm características físicas que os distinguem dos demais milagres. Você leia o livro do padre Adolphe Tanquerey, que trata dos fenômenos místicos contrastados com as suas contrafações humanas e demoníacas. Existe uma ciência, já milenar, que com toda a experiência da Igreja consegue distinguir perfeitamente uma coisa da outra. Então, a possibilidade de confusão entre um milagre da Santíssima Virgem Maria e um milagre demoníaco — para quem estudou o assunto — é inexistente. É fácil distinguir-se uma coisa da outra.

Vá lá no site <http://www.voegelinview.com/what-is-a-miracle.html> [2:00] e procure lá a transcrição da minha aula “O que é um milagre”. Isso aí está respondido lá: o porquê que essa confusão não é possível.

Aluno: Sou aluno novato do seu curso e gostaria de tirar algumas dúvidas. Estou bem novo, tenho 19 anos, e já no ano passado gostaria de assistir a suas aulas, entretanto (...) Já que um adiamento foi inexorável, peço que o senhor me instrua a respeito das precauções que devo tomar, as principais aulas passadas a que devo assistir.

Olavo: Você deve assistir todas, e pela ordem. Às vezes eu mudo a ordem, às vezes eu volto — como hoje mesmo voltei ao assunto —, mas elas têm um encadeamento e uma ordem.

Aluno: (...) Ademais gostaria que o senhor me desse algumas indicações de livros sobre a Revolução Francesa, pois é um assunto tratado na faculdade, quase todos os professores sempre com unanimidade falam de forma elogiosa aos gloriosos revolucionários. Quais obras podem fornecer a realidade concreta do status quo pré-revolucionário, do ponto de vista intelectual-ético-social dos próprios fatos históricos da revolução.

Olavo: Em primeiro lugar, eu recomendo a você todas as obras de um historiador chamado Augustin Cochin. Todos os livros que ele escreveu. Em segundo lugar, o livro do Pierre Gaxotte, *A História da Revolução Francesa*. Evidentemente, também as reflexões sobre a Revolução Francesa do Edmund Burke. E, por fim, o livro que eu considero o melhor que já se fez a respeito, do Hippolyte Taine, *Origens da França Contemporânea*. Ali você tem pelo menos quatrocentas páginas sobre o ambiente pré-revolucionário, sobre como era a sociedade na época. Acho que com isso dá para você se virar durante algum tempo.

Aluno: Gostaria que o professor nos explicasse qual é a diferença entre os esquemas fáticos e os esquemas eidéticos.

Olavo: O esquema fático é o que você conserva da percepção originária. Tudo que você conserva. Você não pode manipular este conjunto em si mesmo, porque senão você teria que recordar, a todo momento, todos os detalhes do que foi percebido. O esquema eidético é aquilo que você, conscientemente, representa daquilo, e o usa, como no restante do seu raciocínio. Embora o esquema fático esteja presente como uma referência na memória, não é com ele que você pode fazer uma demonstração, por exemplo. Na demonstração você precisará ter reduzido o esquema fático. Tem um acontecimento; tem o esquema fático — que é aquilo que você conservou na memória; que já é um resumo do acontecimento — e depois, desse esquema fático, você retira os elementos que sejam intelectualmente repetíveis — que possam se transformar num conceito — e é com esse que você lida. De modo que outra pessoa que não presenciou o fato possa entender esquematicamente a que esse fato se referia. Se você tivesse que lidar sempre com o esquema fático, tudo seria intransmissível. Não é possível você descrever um esquema fático. Você sempre terá que operar uma seleção nele. É essa seleção que gera o esquema eidético, quer dizer, a ideia que você conserva daquilo, pretendendo que essa ideia seja a essência do que ali se passou.

Aluno: Uma pessoa tem um juízo sobre uma determinada coisa e expressa esse juízo por meio de um enunciado (ou proposição, diria eu); a pessoa que recebe esse enunciado também forma um juízo, que será tanto mais verdadeiro quanto mais aproximar do juízo formulado pelo primeiro. É isso mesmo?

Olavo: Claro que é! Exatamente isso! Aliás, todo o problema está aí. Aristóteles e Tomás de Aquino diziam que a verdade está no juízo, e isso é certo, mas ela está no juízo, e a proposição é uma condensação verbal desse juízo. Quando essa proposição é ouvida por uma terceira pessoa, é preciso ver se ela formou um juízo exatamente igual ao que você está tentando passar. E aí a possibilidade de confusão é muita! Em geral, ela se corrige através do próprio discurso dialético. Confrontando uma coisa com a outra, logo você percebe que

está havendo um desnível semântico qualquer. Mas em última análise não há garantia disso. A transmissão perfeita de qualquer conhecimento não existe. A transmissão é baseada na hipótese de que a outra pessoa é tão inteligente quanto você e que ela raciocina igual a você, percebe igual a você. Esse pressuposto é válido na maioria dos casos, mas não é válido sempre.

Aluno: O círculo de latência também é aplicável àquilo que não tem existência física, como a justiça?

Olavo: Aí você está se referindo a conceitos. Todo conceito tem um círculo de latência, que é tudo o que você recorda do esquema fático e que não está contido ali, mas que para você ainda serve como um sistema de referência. Ou, dito de outro modo: o que você representa, efetivamente, na sua mente, quando você pensa essa ideia de justiça. Ela não é expressável na sua totalidade. Então eu acho que cabe falar do círculo de latência.

Só o que não tem círculo de latência é Deus. Porque Deus é imediatamente tudo aquilo que ele pode ser. Deus é ato puro; não tem potência guardada. Então, nesse sentido, não faz sentido falar de círculo de latência.

Aluno: Tudo o que apreendemos da realidade é simples apreensão, que na verdade não é tão simples assim. Mas no momento seguinte, quando, abstraindo, pegamos a imagem já sintetizada — já carregada de conceitos e juízos pré-concebidos derivados da nossa opinião sobre as coisas — expressamos através da linguagem nosso pensamento sobre a coisa apreendida, esse pensamento é uma abstração que descreve muito imperfeitamente a coisa real?

Olavo: É sempre assim. Nós conseguimos nos entender, não porque nós apreendemos perfeitamente o que o outro disse, mas porque estamos no mesmo mundo. O mundo é um imenso sistema mnemônico que está à nossa volta, nos ajudando a entender o que nós mesmos pensamos. O grande erro da modernidade foi achar que tudo está dentro da nossa cabeça; que o mundo é apenas uma coleção de estímulos aleatórios e que nós é que colocamos forma nisso. Se o mundo fosse depender de eu colocar forma nele, podia esperar sentado! Ao contrário: o mundo que está à nossa volta tem uma forma e ele nos impõe essa forma. Ele impõe, por exemplo, a forma do espaço-tempo. Ele impõe as relações de causa e efeito, etc. E nós captamos algo disso aí. É porque nós captamos, e porque o mundo tem estruturas permanentes que estão à disposição de todos, e nós também somos moldados da mesma maneira, é por isso que nós nos entendemos. Nós não precisamos da comunicação perfeita, porque a comunicação formal, expressa, é somente uma parte ínfima da comunicação real que existem por baixo disso. Com todos os estudos que existem hoje, com a Programação Neurolinguística, isso se torna

ainda mais claro. Você tem todo um sistema imenso de comunicação não verbal que, se fosse suprimido, a própria comunicação verbal não faria sentido. Ou seja: nós nos entendemos uns aos outros muito mais do que aquilo que nós somos capazes realmente de expressar. Se você for depender da expressão total do outro, nunca vai dar. Mas também não temos que ficar a lamentar: *ah! nossa expressão é imperfeita etc. etc.* Não, a expressão é imperfeita, mas a comunicação é muito mais eficiente do que seria se dependesse totalmente da sua expressão. Ou seja: nós sabemos muito mais do que sabemos que sabemos. E esse fundo do conhecimento, por assim dizer, é a própria presença do mundo, e isso ajuda e sustenta a nossa comunicação o tempo todo. [2:10]

Aluno: (...) o erro está em esquecer que pensar é abstrair, e que a opinião que temos sobre as coisas são fragmentos de entes reais percebidos por um ente real contingente inserido dentro de uma realidade abarcada por outra realidade transcendente e eterna?

Olavo: Sim, o erro consiste em você reduzir o enfoque àquilo que é expressamente pensado e dito. Aí você fez a abstração de toda a realidade, sobrou o quê? As suas frases. Ora, estou acabando de dizer que toda comunicação depende desse fundo que não é inconsciente, mas é semiconsciente da realidade do mundo, que está sempre presente e está nos unindo. Coloca-nos no mesmo lugar, nos faz falar, por exemplo, numa mesma frequência sonora que o outro capta. Se eu falasse numa frequência inaudível, não ia adiantar. Como é que toda vez que eu falo sai na mesma frequência que todos vocês são capazes de ouvir? É uma coisa extraordinária! Outra coisa: sempre que eu estou presente, vocês me veem, não é incrível? Se a minha modalidade de presença mudasse, ora eu sou invisível, ora sou visível, ora sou invisível, não ia funcionar. E toda essa *estabilidade* da nossa presença no mundo, isso é uma coisa maravilhosa!

Então, por que buscar dentro da mente humana os elos que o próprio mundo nos impõe? Para que inventar que espaço e tempo são formas da nossa mente? Kant disse isso? E onde ele estava quando disse isso? Ele estava no seu espaço interior apriorístico ou ele estava neste aqui? Ele precisaria estar num espaço objetivo real para ele poder dizer essas coisas. Se o espaço fosse apenas uma forma da mente, ele não poderia estar em lugar nenhum na hora que disse isso. Esse é um exemplo de paralaxe cognitiva. O sujeito está dizendo uma coisa que é desmentida pelo simples fato que ele a está dizendo. É a mesma coisa que o sujeito dizer assim: “Eu não posso falar”; “Eu não sou capaz de falar, estão ouvindo?”; “Eu não consigo falar”. Então, se você pegar só o texto do que o Kant está dizendo parece razoável, agora compare o texto com o fato de que o texto existe, e você vai ver que está tudo errado. Esquecer a realidade do mundo, este é que é o problema.

Aluno: Tudo que me acontece é na verdade o bem, porque seu fundamento último é Deus e nada acontece sem a Sua permissão.

Olavo: Não, isso não é verdade. Porque existem pessoas que fazem o mal e fazem o mal para você também, não é só para mim. Outro dia, uma tal de *Air Arabia* tirou mil e setecentos dólares da minha conta, me deixou numa situação aflitiva: não vou dizer que isso é o bem. Não fui eu quem fez, não pedi que fizessem isso. Eu não viajei para Arábia nem para o Marrocos nem para coisa nenhuma; nem pensei em viajar; e já paguei a passagem, o avião já foi e já voltou e eu não estava lá. O mal acontece, evidentemente. Agora, o mal existe em função dos pecados humanos. Quer dizer: o mal não existe na estrutura do universo enquanto tal, isso não faz sentido você dizer.

Aluno: Quanto menos fragmentária for nossa percepção, mais reais seremos. Mas há um limite que determina o ser humano. Só Deus não é fragmentado.

Olavo: Por isso mesmo que eu digo que você tem de deixar Deus lhe refazer continuamente. Mas se você faz questão de inventar uma forma e dizer: “eu sou assim, assim, assim...”, aí você fechou a porta para Deus. O verdadeiro autoconhecimento é o conhecimento da sua alma como uma coisa vazia que está na mão de Deus. Por assim dizer, é o eu sem forma. Olhe a realidade desse eu. É esse eu que fala com Deus. Por quê? A capacidade de conceber a infinitude você tem; a capacidade de entender essa coisa toda que eu expliquei sobre a possibilidade universal, você também tem. Essa capacidade máxima determina o seu dever. Se você é capaz de fazer coisas dessa altura, então isso é o melhor que sua inteligência pode fazer. Você tem obrigação de fazer. Você tem obrigação de se colocar neste nível e saber que as várias formas que você adquiriu, em geral serviram para o pecado e para o mal, evidentemente. Por que nós temos essa capacidade de nos moldar? Porque Deus nos fez com a sua própria substância e infundiu em nós algumas capacidades divinas, entre as quais essa. Nós podemos, até certo ponto, nos criar a nós mesmos, só que Ele avisou: você é capaz de fazer isso, mas é melhor deixar Eu fazer. A inventividade máxima consiste em não inventar nada e deixar Deus inventar; agora, se você preza muito as suas invenções, as formas que você adquiriu, a sua linda personalidade etc., aí você fechou a porta. Veja que, na tradição cristã, a figura mais nobre, por Jesus Cristo, é a Santíssima Virgem Maria. O que a Virgem Maria fez? Ela não fez nada. Ela disse: “Faça-se em mim, segundo a tua vontade”. Veja que coisa! Eu serei não o que eu quero ser, eu serei o que o Senhor quer que eu seja. Porque eu não sei nada; eu estou aqui e não dou palpite. Essa é a suprema perfeição humana. E é criatividade máxima.

Ela fez alguma coisa: ela pediu para Jesus Cristo fazer um milagre. Ela pediu para ele fazer: não foi ela que fez. Você veja que coisa! Essas pessoas não

querem que a gente tenha veneração pela Virgem Maria! Faça como ela fez, vamos ver se você consegue. Ela é a primeira e mais clara amostra da suprema genialidade humana. *Deixar que Deus aja*: eu estou aqui não fazendo nada; faço o que Deus manda. Veja: é como se fosse uma matéria plástica!

Daí as pessoas vão dizer: *“Ah! a sua personalidade ficou mais bonita!”*

Ela terá ficado mesmo! Ela ficou? Não estou nem sabendo!

Aluno: A ciência capta verdades e dá nomes a elas, mas esses nomes correspondem a seu fundamento ontológico?

Olavo: Não. Jamais! Por quê? Uma ciência é um ponto de vista determinado. Ela recorta um determinado campo de fenômenos e demarca um específico ponto de vista, que consiste de um conjunto articulado de questões e de métodos para responder a essas questões, e ela só pode operar dentro desse campo. Ela não pode ter a mais mínima pretensão de que isso constitua a verdadeira substância ontológica das coisas. Não! Nenhuma ciência estuda coisas. Ciências estudam fenômenos. Que são fenômenos? São aparências. A ciência no sentido restritivo que a coisa adquiriu na modernidade. Na verdade, para mim, não há ciência mais certa que a metafísica. Fala sobre as coisas mais óbvias; se você não a tem, você não tem nada mais. Isto é ciência, o resto é imitação.

(...)

Outra coisa: os que pegaram o curso atrasado —, aliás, não tem atrasado; você pode pegar o curso a qualquer momento. A ordem das aulas é muito importante. Se você está assistindo à aula presente e ao mesmo tempo está recompondo, a partir da primeira, você vai ficar com dúvidas em um monte de coisas. Ótimo! Você vai criar uma tensão, porque você não vai entender exatamente o que eu estou querendo dizer; mas essa tensão é preparação para a aula. Você tem uma expectativa quanto ao que vai acontecer na aula. Essa expectativa, quanto mais clara for, melhor para você, mesmo que eu diga na aula uma coisa completamente diferente. [2:20] Por exemplo: nesta de hoje ninguém esperava — todo mundo achava que eu ia falar da simples apreensão, continuar com aquele assunto. Bom, eu ia, mas surgiu outra coisa que me ofereceu uma urgência maior, um motivo de ordem moral. Então, está justificada minha quebra da sequência.

Até semana que vem e muito obrigado.

Transcrição: Flávio Montenegro, Uilliam Frederic D’ Lopes Carvalho, Bruno Menezes Fernandes Caires Castagin, Gilberto Luiz B. Edson e André Assi Barreto.

Revisão: Eduardo Garcia de Queiroz.

